

# Advertência do cientista alemão: lembrem-se de 29



Fritz Voigt

— O aumento do preço do petróleo já trouxe enormes consequências para a economia alemã. Este ano, teremos aqui, pela primeira vez em muitos anos, um déficit na balança comercial. No nosso caso, o déficit ainda é bastante suportável. Ele é bem pior nos casos da França e da Itália. Além disso, há um aumento do custo de vida e pode acontecer (mas ainda não aconteceu) uma baixa do rendimento per capita da população.

Sem muito otimismo, assim o professor e economista Fritz Voigt, diretor do Instituto de Planejamento da Universidade de Bonn e também um dos membros da comissão que elaborou a Lei de Cogestão de Empresas na Alemanha, analisa as perspectivas da economia alemã para esta década de 80.

— Isto significa que necessitaremos, para o futuro, da energia atômica. O grande problema está aí. Acontece que, por motivos políticos, é quase impossível construir, no momento, usinas nucleares. Nós temos outras alternativas, como o carvão, por exemplo. Mas seu custo de exploração é bastante elevado. Por outro lado, a Alemanha Federal tem fatores favoráveis para o desenvolvimento de sua economia, como maquinários patentes e um grande avanço no setor da eletrônica. Outra coisa é a inexistência, quase total, de tensões sociais, graças ao sistema de cogestão das empresas.

O diretor do Instituto de Planejamento da Universidade de Bonn explica que onde existe tensão social a produtividade cai e os produtos deixam de ser competitivos no mercado internacional.

— Entre nós não existem, praticamente, greves, porque a cogestão das empresas pelos trabalhadores elimina as tensões sociais já na sua origem. Apesar destes fatores positivos, pode-se prever para a Alemanha Federal, em um futuro próximo dificuldades com o crescimento da indústria de bens de consumo. É preciso contar também com uma crescente dificuldade nas relações comerciais entre os países, de um modo geral. A necessidade de importação de combustível será uma ameaça constante à balança comercial alemã e a tendência inflacionária persistirá. A inflação está, na Alemanha, variando atualmente entre 5% e 8%, o que pode parecer invejável aos olhos dos brasileiros. Mas, para nós, os economistas, esta já é uma taxa catastrófica.

Perguntado se com a ameaça ao crescimento da indústria de

bens de consumo poderá haver restrições às importações do Japão, por exemplo, o professor Voigt respondeu:

— No ano passado, visitei a indústria automobilística japonesa e pude prever que em pouco tempo eles estariam disputando o mercado entre nós. A concorrência dos japoneses neste setor não deve, no entanto, ser temida, porque estamos tão avançados em outros setores importantes que os japoneses dificilmente nos alcançarão. A concorrência é até saudável, porque incentiva a busca de novas tecnologias que permitem produzir certos produtos a níveis competitivos. O maior perigo para a economia acontece quando a indústria não tem concorrência e acaba-se acomodando. Foi o que aconteceu entre nós, com os trabalhadores estrangeiros, quando a indústria alemã precisou

expandir-se, anos atrás. Em vez de buscar novas tecnologias, preferiu-se aumentar a capacidade de linhas de produção já existentes, empregando mão-de-obra estrangeira.

## UMA ADVERTÊNCIA

Fritz Voigt adverte que uma grande crise mundial econômica pode acontecer, se alguns cuidados não forem tomados pelos políticos:

— O que não pode acontecer é que os países, atingidos pela atual crise, fechem seus mercados a produtos estrangeiros. Se muitos países fizerem isto, teremos uma crise econômica mundial como a de 1929, desencadeando grandes agitações. Toda a queda de nível de vida de uma população gera intranquilidade e destruição. O nazismo, na Alemanha, por exemplo, foi um produto de uma crise deste tipo, com milhões de desempregados.

— Outra consequência da crise gerada pelo aumento do preço do petróleo — continua o professor — é a crescente dificuldade de novos produtos conseguirem se impor no mercado mundial. O aumento do custo de transporte pode ser determinante para que um novo produto não seja mais competitivo no mercado internacional, uma vez que um aumento geral de preços atinge muito mais um produto recém-lançado, que um produto já conhecido.

Para se combater a inflação, o diretor de Planejamento Econômico da Universidade de Bonn tem uma fórmula. E alguns exemplos sobre o que não deve ser feito:

— A inflação só pode ser combatida mundialmente se todos os países fizerem as mesmas restrições de despesas (no orçamento militar, por exemplo), nas verbas destinadas a obras antieconômicas que visam, exclusivamente, ao prestígio. No caso de vocês, do Brasil, é notório o crescimento da inflação em virtude de obras como a de Brasília, cuja construção foi totalmente antieconômica, para onde não se construiu sequer uma estrada de ferro antes do início das obras, tendo parte do material de construção de ser levado de avião. Enquanto não houver restrição mundial das despesas que não sejam produtivas, não haverá uma forma de se controlar, mundialmente, a tendência inflacionária. (Assis Mendonça, correspondente em Bonn).

# Debate: a economia

Economistas dos Estados Unidos, França, Japão, e Alemanha debatem aqui o futuro da economia mundial nesta década de 80. E o otimismo não é, exatamente, um ponto comum entre eles. Ao contrário, todos comentam estudos e projeções de dias difíceis, que podem ser contornados de acordo com a política econômica a ser seguida pelos paí-

ses industrializados, que ainda permanecerão dando as cartas do jogo.

Estes estudiosos analisam também os seus países, traçam um perfil de como seus governos devem — ou deveriam — agir para suavizar a crise e comentam, elogiam e criticam a política econômica brasileira.

Os japoneses vão seguir um estudo que prevê, para os anos 80, poucas alterações no

## mundial nesta década

panorama econômico mundial. Traçaram a estratégia e optaram pelo diálogo com os países do Terceiro Mundo, por uma razão especial: nestes países está o grande mercado para suas exportações e a enorme fonte para os suprimentos das matérias-primas que precisam.

Um economista norte-americano defende uma tese interessante: a da total modifi-

cação no comportamento das pessoas, principalmente as que habitam as grandes metrópoles; um especialista alemão adverte para as possibilidades de uma grande crise econômica mundial, parecida com a de 1.929 e um professor francês prega uma mudança estrutural.

E todos analisam a crise da energia, propondo alternativas.

SÉXTA-FEIRA — 19 DE SETEMBRO DE 1980



**O ESTADO DE S. PAULO**  
ESTUDO ESPECIAL



Fritz Voight